

45.

IGREJA DE SANTA MARIA DE JAZENTE



Rua da Igreja
Jazente
Amarante



41° 14' 37,93" N
8° 3' 28,72" O



918 116 488



Sáb. 17h30/19h (inv./
ver.); dom. 9h30 ou 11h



Santa Maria
15 agosto



Imóvel de Interesse
Público, 1977



P. 25



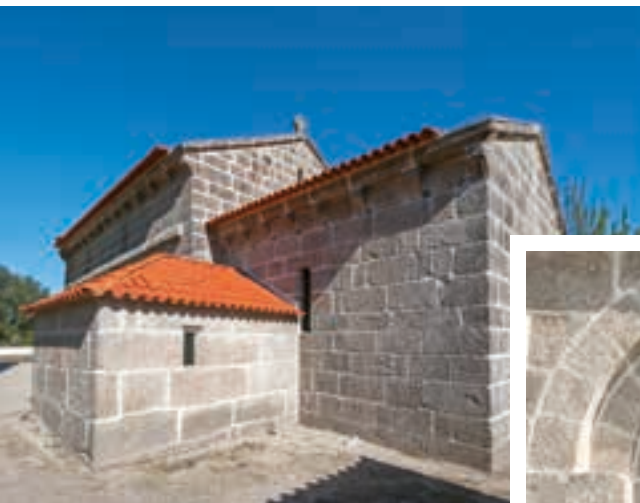
P. 25



x

Como grande parte das igrejas medievais da região, Santa Maria de Jazente, edificada nos antigos limites da diocese do Porto, busca a sua origem numa instituição monástica, cujas monjas e abadessas são ainda documentadas no século XIV. O orago Santa Maria denuncia a medievalidade, hagiotopónimo que permaneceu como sinal de invocação associado a certas ordens, propugnadoras da invocação mariana, que, em alguns casos, foi substituída na modernidade por vocativos mais adequados à condição da Mãe do Deus feito homem.

A passagem a igreja paroquial não deve ter ocorrido muito depois da edificação desta modesta Igreja, na transição da centúria de duzentos para a de trezentos. Dada a sua cronologia tardia e as implicações que esta teve na estrutura da Igreja que hoje apreciamos, insere-se assim Santa Maria na família das igrejas do “românico de resistência”. A sua fábrica, muito pouco transformada ao longo dos séculos, prima pela homogeneidade. Criando uma característica diferenciação volumétrica, a nave única e a capela-mor retangular foram, no entanto, erguidas com o recurso a um aparelho composto por silhares de diferentes dimensões, mas cujas fiadas são regulares.



Os paramentos murários são rasgados por estreitas frestas que, ao gosto românico, iluminam o interior e, no lado sul, a presença de mísulas e lacrimal a meia-altura da fachada informa-nos que existiu uma estrutura alpendrada. Os cachorros que sustentam a cornija são maioritariamente lisos e de perfil quadrangular, indício de cronologia avançada.

A fachada principal desta Igreja é dominada pelo portal, um dos elementos que melhor denuncia a edificação tardia deste edifício. Composto por duas arquivoltas ligeiramente quebradas e que se apoiam diretamente sobre os pés-direitos do muro, é no seu tímpano que reside a sua maior originalidade, onde uma cruz

patada vazada se sobrepõe a uma forma idêntica, incisa no lintel que o sustenta. A composição dos tímpanos é, em Jazente, um sinal de que esta pequena Igreja foi construída já na parte final do românico, altura em que se verifica uma tendência para furar o tímpano, não só com vazamento de cruces, mas também com outros orifícios. No portal sul vemos, pois, cinco aberturas circulares posicionadas em cruz e envoltas por um duplo círculo inciso no granito. No lado oposto, o portal é mais recente, de verga reta, correspondendo no interior a um nicho onde se expõe a imagem da Virgem do Rosário de Fátima.



No interior de Jazente impera a simplicidade. O granito dos paramentos é apenas interrompido pelas estreitas frestas que, dentro do gosto românico, o iluminam tenuemente. A diferenciação de volumes entre a capela-mor e a nave é aqui corroborada pela abertura do arco triunfal. Embora quebrado, mais parece um arco abatido. Atente-se, no entanto, à existência de duas pilastras com capitéis toscanos, uma de cada lado, no intradorso do arco, e que nos levam a crer que, a determinada altura da Época Moderna, algures entre os

séculos XVII e XVIII, se teve a intenção de transformar este arco, nobilitando-o e aumentando a abertura do seu vão. A obra foi, no entanto, interrompida. O olhar do crente dirige-se à fresta fundeira voltada a oriente, antecedida por mesa de altar cujo frontal é constituído por uma composição de azulejos mudéjares que repetem um motivo floral estilizado. Os retábulos colaterais são de feitura recente e oferecem à veneração as imagens de Santa Maria, Santa Ana, Menino Jesus Salvador do Mundo e Sagrado Coração de Jesus.



A VIRGEM COM O MENINO

A imagem da Virgem com o Menino, que remonta à segunda metade do século XV, é digna de nota. Escultura produzida segundo modelos góticos, em pedra calcária, policromada, ainda presa a uma inexpressividade de que as faces de Mãe e Filho são testemunhos, quis o autor (certamente próximo ou influenciado por oficina de calibre com artífices estrangeiros) libertá-la de formalismos medievais, tratando mais livremente o pregueado das vestes e acentuando o movimento do corpo através de contraponto.

De resto, o humanismo e, de certa forma, o realismo sentimental é expressado ante o fiel não pela riqueza da ornamentação e pelo fraco naturalismo no tratamento das faces e membros, mas pelo ato carinhoso que o Menino tem com a sua Mãe ao tocar-lhe o rosto, demonstrando carinho e amor filial. Com a mão direita,

Maria segura uma rosa, símbolo da sua pureza e virgindade que a devoção mariana, crescente a partir do século XIV em toda a Europa, pretendeu acentuar.



PAULINO CABRAL, O ABADE DE JAZENTE

Fica sobretudo na história desta Igreja a sua ligação a Paulino Cabral (1719-1789), conhecido pelo nome literário de Abade de Jazente, lugar que ocupou entre 1752 e 1784. Pertenceu, embora algo distante em corpo e espírito (era presença constante em festas e tertúlias do Porto), ao movimento da Arcádia, que fazia da crítica e da sátira os elementos fundamentais da poesia, modelada segundo preceitos clássicos. Mas as suas ausências eram transitórias e o gosto pelo remanso da sua abadia rural deixou-o entrever várias vezes na sua poesia, de que nos deixou o seguinte poema, publicado em 1786:

"Eu, que junto à Cabana, em que vivia, / Tive uma rica Ermida: e afortunado / Ovelhas tantas tive, que o montado / Com elas branquejar alegre via: / Eu, que tive prazer, tive alegria, / Tive nome entre os mais; eu desgraçado, / De quanto tive agora despojado, / Não tenho nada mais, que a noite, e dia: / Eu mesmo deixei tudo: e unicamente, / A saudade nos cofres da memória / Com desvelo guardei, mas imprudente; / Pois lendo nela a minha triste história, / Me fazem ser mais duro o mal presente / Doces lembranças da passada glória."